



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## LUTAS DO CORAÇÃO: UM BILDUNGSROMAN DE SAIAS<sup>i</sup>

*Sinéia Maia Teles Silveira*

*Universidade do Estado da Bahia*

*sineiasilveira@hotmail.com*

**Resumo:** Neste artigo, analisaremos **Lutas do coração** ([1898] 1999), da escritora baiana oitocentista Inês Sabino. Na nossa concepção, essa obra tem sua gênese no conto “Angelita” e no **Fragmento de um romance inédito**, inclusos no livro **Contos e lapidações** (1891), ambos publicados sete anos antes do romance. Tais narrativas apresentam alguns traços similares, com protagonistas femininas que vivenciam amores juvenis, têm sua inserção na sociedade mediante casamento com homens mais velhos, passam por dissabores nessa relação desigual, do ponto de vista da idade e da condição financeira e vivenciam conflitos que promovem, de certa maneira, seu amadurecimento emocional e psicológico e seu conseqüente desenvolvimento interior necessário para sua formação. Os elos que atam esses três textos, aproximando-os, do ponto de vista temático, são traços indiciadores de uma escrita em evolução para um *Bildungsroman* feminino. Sob esse viés, os narradores sabinianos vão tecendo uma trama problematizadora da condição identitária feminina. Apesar de estar contextualizado num ambiente patriarcal por excelência e em meio a situações emblemáticas ligadas a um modelo sociocultural pouco afeito à emancipação da mulher, o romance traz um protagonismo implícito, a partir de uma vertente feminina, numa representação social voltada para subverter a visão homogeneizante da mulher e, conseqüentemente, cooperar para a formação leitora.

Inês Sabino, *Lutas do coração*, Bildungsroman feminino.

## FIGHTS OF THE HEART: A BILDUNGSROMAN OF SKIRTS

**Abstract:** In this article, we will analyze **Fights of the heart** ([1898] 1999), by the Bahian writer of the 19th Inês Sabino. In our conception, this work has its genesis in the story "Angelita" and **Fragment of an unpublished novel**, included in the book **Tales and stonings** (1891), both published seven years before the novel. These narratives present similar traits, with female protagonists experiencing young lovers, having their insertion in society through marriage with older men, experiencing disagreements in this unequal relationship from the point of view of age and financial condition and experiencing conflicts that promote, in a certain way, its emotional and psychological maturation and its consequent internal development necessary for its formation. The links that tie these three texts, bringing them closer, from the thematic point of view, are indicative traces of an evolving writing for a feminine *Bildungsroman*. Under this bias, the Sabinian narrators weaving a fabric problematizing the plot of feminine identity condition. Although it is contextualized in a patriarchal environment par excellence and amidst emblematic situations linked to a sociocultural model that does not affect the emancipation of women, the novel brings an implicit protagonism, from a feminine perspective, in a social representation aimed at subverting the homogenizing vision of the woman and, consequently, to cooperate for the reading training.

**Key-words:** Inês Sabino, *Fights of the heart*, female Bildungsroman.



# XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## I INTRODUÇÃO

O estudo apresenta uma análise do romance **Lutas do coração** ([1898] 1999), de Inês Sabino, escritora baiana que tem sua produção literária situada no último quartel do século XIX. Versátil, ela publica poemas, contos, romances, biografias e textos memorialísticos. Também transita pelo mundo editorial, com uma vasta produção em jornais e revistas oitocentistas, nos quais parte em defesa do feminino. Defendemos que ela ocupa uma posição de *ex-cêntrica* (HUTCHEON, 1984), pois sua produção literária se situa fora do grande centro literário hegemônico e, ainda que membro de uma elite intelectual, ela escreve uma literatura de margem, num lugar singularizado por conta das relações hierarquizadas de gênero que tipificam aquele século. Não só escreve, mas principalmente há, por parte da autora, a assunção de um discurso polêmico, na medida em que o literário acaba por se tornar uma arena, na qual a luta travada se volta para a emancipação feminina e a inclusão da mulher nas instâncias de poder.

Nesse sentido, entendemos que esse romance cria uma tensão permanente no leitor, pois problematiza a representação da mulher, conduzindo-o à reelaboração do

casamento imposto e à perplexidade que uma protagonista, em *palimpsesto*, evidencia, quando se vê envolta nessas brumas, artimanhas sociais e familiares, que buscam aprisionar seus desejos, vontades e o livre arbítrio.

Nessa compreensão, intentamos averiguar como se dá a representação feminina no romance. Situamos nossa investigação no campo da Teoria Literária e do Feminismo, numa abordagem que atendeu a essas duas facetas da produção da autora: contemplamos a perspectiva de gênero, sem desconsiderarmos seu teor literário. Balizamos nossa escolha numa produção literária feminina porque sabemos que, durante muito tempo, a tradição literária tentou silenciar as mulheres, mas elas não se coadunaram nem permitiram que prosperasse esse intento.

## II TRILHAS METODOLÓGICAS

Em termos metodológicos, situamos a autoria feminina no final do século XIX, investigando as obras delimitadas, tanto da perspectiva literária quanto de gênero, possibilitando, por conseguinte, uma reflexão acerca do perfil identitário e literário da autora em estudo.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Do ponto de vista literário, analisamos a prosa da autora, evidenciamos traços indiciadores de uma literatura que caminha para um *Bildungsroman* feminino. Para tanto, analisamos alguns recursos retóricos empregados, pela autora, na construção do enredo, das relações firmadas entre os diferentes agentes presentes em sua obra, como o narrador, o autor implícito, as personagens, a emaranhada relação entre eles e o público leitor e suas temáticas recorrentes. Investigamos de que forma esse conjunto de elementos contribuiu para que sua produção literária fosse um campo fértil para a causa feminista, produzindo uma literatura que é, também, de formação e subversiva.

### III LUTAS DO CORAÇÃO: UM *BILDUNGSROMAN* FEMININO

Lutas do coração ([1898]1999) é um romance publicado no final do século XIX, no Brasil, exatamente dez anos após a abolição da escravidão e nove anos da Proclamação da República, em um cenário bastante instável, com relações econômicas, político-sociais e culturais tensas e controversas, estabelecidas em meio a críticas e oposições às mudanças que alteravam o perfil do Brasil oitocentista. Esse contexto se reflete na obra, servindo de cenário para o enredo, cujo principal espaço urbano é o Rio de Janeiro e, em menor escala, São Paulo e Europa.

Na obra, a perspectiva social é feminina, inclusive com a eleição de uma narradora que não esconde esta característica, explicitando-a a partir de recursos linguísticos evidenciadores da sua

condição. Como diz Booth (1980), um grande disfarce narrativo é engendrado: a autora empírica, via autora implícita, delega à narradora a tarefa de contar e mostrar os fatos e conflitos decorrentes dessa tríade feminina amorosa, em luta pelo amor de Hermano.

O esquadramento do interior das personagens e dos seus dramas conduz a narrativa de Lutas do coração. Três perfis femininos são esboçados de modo bastante peculiar, atçando o leitor a destrinchar esta trama amorosa em torno de Hermano: Angelina e Matilde, personagens que encarnam, simbolicamente, a bondade e a maldade, respectivamente; Ofélia, aquela que ultrapassa esta visão maniqueísta do feminino, difundida pela literatura romântica. Ela gesta seu destino de modo singular e oportuniza, ao leitor, acompanhar a sua formação e trajetória diferenciada, na medida em que se distancia significativamente do modelo proposto para a mulher, naquele contexto. O caminho percorrido por Ofélia permite ao leitor o contato com outros tipos de comportamento da mulher, assim como contribui para sua formação, o que nos faz enxergar esta obra como um exemplo de *Bildungsroman* feminino.

Sobre tal temática nos estudos literários, François Jost, no artigo “La tradition du *Bildungsroman*”, sinaliza o romance como uma tradição recente, esclarecendo que não há uma rejeição à noção de gênero por parte da crítica contemporânea. Contudo, os críticos afastam-se de rotulações, matizando algumas fórmulas. Conforme Jost (1969), em vez de se aterem aos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

gêneros tradicionalmente aceitos, eles acabam estabelecendo diversas subdivisões, subgêneros e subespécies, em princípio necessárias, tendo em vista que contribuem para prover a teoria e a história literárias. Apesar do caráter útil dessas ramificações, Jost (1969) salienta que elas podem ser enganosas. Um determinado gênero não se enquadra numa categoria, especialmente quando enfocamos o romance moderno, que pode ser classificado em mais de uma das várias categorias existentes (de tese, social, regional, histórico, dentre outros), como também pode ser identificado concomitantemente como um *Bildungsroman*.

Seguindo essa linha, Jost aponta o romance contemporâneo como “a arte das hibridizações infinitas; praticada sem circunscrição” e alega que “o gênero tende a destruir-se por si próprio” (JOST, 1969, p.98). Sendo assim, o *Bildungsroman* não se configura como uma categoria isolada. Logo, mesmo os protótipos dessa categoria participam em diferentes graus de outros grupos que, por sua vez, compõem outros gêneros, conforme o autor explica. Ele atrela o surgimento do *Bildungsroman* a preocupações pedagógicas que, por sua vez, associavam-se intimamente às demandas educacionais daquele período. Baseado nessa premissa, Jost enfatiza: “O *Bildungsroman* pode então, ser definido como a expressão literária de um novo ideal da educação” (JOST, 1969, p. 113).

Diferente dos romances de aventura, em que os eventos passam a considerar e envelhecer a figura do herói, o romance de aprendizagem

coopera para cristalizar o seu caráter. Esta concepção revela um herói que não se submete ao seu destino; antes, busca enfrentá-lo, preparando-se para dar conta de tal intento, conforme esclarece François Jost (1969). Sendo assim, o foco recai, necessariamente, sobre o desenvolvimento interior do protagonista, decorrente da sua reação ante os episódios em sua volta. O *Bildungsroman* evidencia justamente as consequências que esses fatos promovem no protagonista, tanto de ordem emocional, psicológica, quanto de caráter. Sendo assim, ele passa a gerenciar seu destino.

A partir desse gênero originário da crítica literária europeia, Cristina Ferreira Pinto (1990) aplica-o à realidade brasileira, assimilando alguns dos elementos configuradores do *Bildungsroman* masculino que, numa vertente original, voltava-se para a formação da identidade da classe burguesa. Por sua vez, o *Bildungsroman* feminino, muito mais que de nacionalidade, tem aplicação de gênero e, sobretudo, pode ser universalizado, num processo revisionista. Pautando-se pelos estudos de Jerome Hamilton Buckley e de Esther Kleinbord Labovitz, a autora descreve alguns traços delineadores do *Bildungsroman*:

Infância da personagem, conflito de gerações, provincianismo ou limitação do meio de origem, o mundo exterior (the larger society), autoeducação, alienação, problemas amorosos, busca de uma vocação e uma filosofia de trabalho que podem levar a personagem a abandonar seu ambiente de origem e tentar uma vida



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

independente [...] (PINTO, 1990, p. 14).

Contudo, esse leque de características identificadoras do *Bildungsroman* não seria suficiente para dar conta do modelo feminino, conforme alertam as estudiosas deste tema, tendo em vista que a protagonista se desenvolve de modo diverso daquele que tipifica o *Bildungsroman* tradicional, cujo foco é o protagonismo masculino.

No *Bildungsroman* feminino, o desenvolvimento da personagem central segue um padrão diferenciado, distanciando-se do masculino por questões atreladas ao contexto de vida e padrões sociais bastante limitados, quando comparados aos aceitos para o homem. Primeiramente, o percurso feminino em busca de afirmação pessoal e de oportunidades foi um longo e árduo caminho, com muitos percalços, tendo em vista que o modelo social reservado à mulher, bem como os espaços socioculturais e educacionais e literários a ela circunscritos, foram infinitamente mais restritos e cerceadores, já que o lar era o locus a ela destinado. Neste, cabia-lhe um papel por excelência: mãe, gestora do lar e formadora das novas gerações, conforme preconizavam as regras sociais a ela direcionadas, inclusive ratificadas pelo ideário positivista, conforme já discutimos.

As condições ideais para a formação do herói estão intimamente vinculadas ao seu contato com o mundo exterior e acontecimentos a sua volta. Nessas condições, o *Bildungsroman* passa a ser fruto dessa interação do protagonista com o mundo ao seu redor e da forma como reage, em

face de tais episódios. A fortuna crítica sobre este tema ressalta essa disparidade de oportunidades, evidenciando que, se para o homem havia um grande incentivo ao seu sair do ninho, alçar vôos, enfrentar a vida, passar por sua *Bildung* e se forjar homem, para a mulher dava-se o inverso, já que os meios para sua formação eram precários e acabavam por restringir seu crescimento interior e, conseqüentemente, tornava mais lento seu processo de desenvolvimento pessoal. Essas condições díspares se refletem na literatura, principalmente na oitocentista, cujo contexto era bem similar ao descrito. Isso implica em dizer que à mulher cabiam duas opções: aceitar passivamente o papel a si reservado, ou então, transgredir.

Cristina Ferreira Pinto (1990) também salienta outra diferença substancial do *Bildungsroman* feminino, em relação ao masculino: neste, o protagonista, além de se integrar socialmente, consegue alcançar um determinado patamar de coerência; diferentemente, no feminino, a narrativa caminha para um final quase sempre de fracasso ou então “em um certo sentido de coerência pessoal que se torna possível somente com a não integração da personagem no seu grupo social” (PINTO, 1990, p. 27).

Dentre as diferenças entre um modelo e outro de *Bildungsroman*, os estudos desenvolvidos por Pratt e Labovitz, dentre outras teóricas referidas por Pinto (1990), destacam o período em que ele ocorre: no masculino, na adolescência; no feminino, por conta das



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

especificidades e diferenças de tratamento dispensadas, esta formação principia, em geral, na vida adulta.

Os estudos arrolados chegam a um consenso no que tange ao *Bildung* da personagem feminina: seu processo da aprendizagem tem, como alvo, seu preparo para dar conta em se adequar aos papéis sociais que lhe são destinados previamente, havendo a interrupção do seu desenvolvimento quando ela alcança a maturidade física.

Em **Lutas do coração**, a narradora apresenta essa complexidade relacionada à construção identitária da mulher, exibindo, para o leitor, múltiplas faces femininas. Em certa medida, a obra retoma o modelo homogêneo muito difundido na literatura romântica para o feminino, cuja “imagem da mulher triparte-se na mulher-pureza que enobrece com seu amor sincero; na mulher-sedução que se torna corruptora; e naquela que, envilecida, pode ser redimida pelo amor” (CANDIDO, 1991, p. 159). Por conseguinte, prevalece o amor romântico como possibilidade de redimir e reintegrar a mulher na sociedade.

O romance faz uso desse molde, engendrando duas mulheres personificadoras da bondade e da maldade — Angelina e Matilde — numa vertente maniqueísta do feminino, vista por Lúcia Miguel Pereira (1988) como uma deformação romântica que dicotomiza virtude e maldade, pureza e sedução, redenção e corrupção, numa homogeneização da identidade feminina. Contudo, ultrapassa essa visão periférica e

superficial da mulher. Além de Hermano, Matilde e Angelina, a trama conta também com a personagem Ofélia, cuja identidade é fragmentada, múltipla, deslocada e complexa, transcendendo o paradigma feminino disseminado na literatura do século XVIII e início do XIX.

Em **Lutas do coração**, a narradora apresenta essa complexidade relacionada à construção identitária da mulher, exibindo, para o leitor, múltiplas faces femininas. Em certa medida, a obra retoma o modelo homogêneo muito difundido na literatura romântica para o feminino, cuja “imagem da mulher triparte-se na mulher-pureza que enobrece com seu amor sincero; na mulher-sedução que se torna corruptora; e naquela que, envilecida, pode ser redimida pelo amor” (CANDIDO, 1991, p. 159). Por conseguinte, prevalece o amor romântico como possibilidade de redimir e reintegrar a mulher na sociedade.

O romance faz uso desse molde, engendrando duas mulheres personificadoras da bondade e da maldade — Angelina e Matilde — numa vertente maniqueísta do feminino, vista por Lúcia Miguel Pereira (1988) como uma deformação romântica que dicotomiza virtude e maldade, pureza e sedução, redenção e corrupção, numa homogeneização da identidade feminina.

Sobre esse traço romântico, Dante Moreira Leite (2007) acresce:

Os românticos brasileiros, ao contrário, lidavam com personagens bem definidas, moral e psicologicamente bem organizadas. Se atualmente



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tais personagens nos parecem falsas, isso se deve à nossa compreensão mais minuciosa do mundo interior, à nossa recusa em aceitar uma separação completa entre bem e mal (LEITE, 2007, p. 79-80).

Nesse entendimento, o romântico não operava com meios-termos. De modo geral, a literatura desse período trata, com linhas bem definidas de separação, os seguintes pares: bondade x maldade, recato x sensualidade, enquanto arquétipos de feminino centrados numa identidade homogeneizada, e em geral, na obra literária dessa fase, envolta em verdadeiros triângulos amorosos.

O romance sabiniano traz para o cenário estes dois polos, representados por Angelina e Matilde. Contudo, ultrapassa essa visão periférica e superficial da mulher. Também deixa de lado o triângulo amoroso, introduzindo a figura do quarteto. Além de Hermano, Matilde e Angelina, a trama conta também com a personagem Ofélia, cuja identidade é fragmentada, múltipla, deslocada e complexa, transcendendo o paradigma feminino disseminado na literatura do século XVIII e início do XIX.

O contorno dessas mulheres é traçado, não só pela narradora, mas também por outros entes ficcionais, como Hermano e outras personagens secundárias. Isso permite ao leitor, utilizando a *teoria das visões*, de Jean Pouillon (1974), uma visão *par derrière*, bastante empregada no século XIX, conforme Booth (1980), mas também *avec*, quando a palavra é franqueada a uma personagem

que, em primeira pessoa, registra, ao seu modo, os fatos e as impressões sobre as outras personagens e acontecimentos, de acordo com seus princípios e visão de mundo.

Essa abordagem diferenciada é percebida desde o processo de criação das três personagens mencionadas, a começar pelo aspecto quantitativo: a Angelina e a Matilde são dedicados onze e treze capítulos, respectivamente; a Ofélia, dezenove, no mesmo passo que Hermano, a quem são reservados vinte capítulos.

Em termos de densidade, de problematização, as duas primeiras recebem um tratamento similar: a narradora define cada uma como um protótipo unificado de mulher, caracterizando, unilateralmente, a pureza e o vício. Em contrapartida, a construção de Ofélia revela maior elaboração. A sua história tem meandros que despertam a atenção do leitor, uma vez que ela passa por altos e baixos, tem todo seu processo de formação detalhadamente explicitado para o leitor, com alguns *flashbacks* que o incitam a percorrer, junto com ela, o seu caminhar.

Personagem emblemática, Ofélia não se encaixa em nenhum desses modelos. Uma mulher caracterizada pela narradora com tonalidades distintas, Ofélia tem sua trajetória pormenorizada, possibilitando, ao leitor, acompanhá-la, passo a passo, em seus erros e acertos, perdas e conquistas. Por conseguinte, *Lutas do coração* expõe uma imagem tripartida da mulher: Angelina, mulher pureza; Matilde, mulher sedução, rompe a linha divisória entre o bem e o mal, deixando-se corromper pelas paixões; Ofélia,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

distante dessas duas construções, transgride a visão estereotipada da mulher.

A narradora constrói Ofélia com uma feição eminentemente realista. Desse modo, a partir de Ofélia, ela redesenha o contorno da mulher oitocentista, mais próximo daquilo que as próprias leitoras sentem na pele, quando se defrontam com a realidade e precisam assumir posicionamentos e atitudes, face aos desafios do dia a dia.

Em poucos capítulos, o leitor se defronta com a complexidade que caracteriza a criação da personagem Antonieta – Ofélia, ser ficcional construído com profundidade. Sua trajetória evolui, vai sendo alterada, ao longo da narrativa, transmutando-se numa imagem plurifacetada e dinâmica, logo, personagem redonda, conforme classificação para esse tipo de ente ficcional. Ofélia surpreende o leitor por sua construção identitária múltipla, refletida não só na mudança de nome, mas também de contorno social e perspectiva de vida. Assim, o ponto fulcral é o seu aperfeiçoamento, enquanto indivíduo. Nessa compreensão, entendemos que a obra apresenta a trajetória de Ofélia, desde a sua adolescência até sua vida adulta, tratando das complexas relações engendradas nesse percurso, bem como das decorrentes consequências na formação da sua identidade. Com base em tais características, classificamos a obra sabiniana como um exemplo de *Bildungsroman* feminino, na medida em que o romance se configura como uma possibilidade de afirmação identitária, nesse caso, de gênero, tornando-se um lócus singular para a

reconfiguração e redefinição das identidades femininas.

Nossa afirmação estriba-se em um princípio fundamental da historiografia literária, associador do *Bildungsroman* ao aperfeiçoamento individual. Quando lemos a obra, nosso olhar inevitavelmente recai sobre Ofélia, justamente pelos recursos retóricos empregados pela autora implícita, na sua construção. Diferente das outras personagens, tanto masculinas quanto femininas, Ofélia reveste-se de uma maior complexidade, pois a narrativa direciona seu foco exatamente para o percurso interior da personagem, nas lutas travadas para se constituir mulher, num contexto pouco simpático à causa feminina. Ao esquadrihar as razões que a levam a agir deste ou daquele modo, a narradora faz uma análise psicológica de Ofélia, focalizando os dilemas e dramas decorrentes de suas escolhas.

Ofélia enfrenta tudo e, entre decisões acertadas e/ou equivocadas, vai forjando sua aprendizagem, reconfigurando sua identidade feminina. Nesse itinerário, ela estuda, aprende e se refina socialmente. O inglês é determinante para o *Bildung* de Ofélia. Ele a ajuda a romper com um passado de inadaptação social e assume, temporariamente, a função de mentor. Astuciosamente, passa a transitar pelo mundo hegemonicamente masculino sem se deixar subjugar. Posiciona-se, assume-se mulher culta, íntegra e instigante.

Hermano, mesmo contra a vontade de se envolver afetivamente, de amar outra mulher, já que tinha sofrido uma grande decepção amorosa na Europa, vê-se completamente envolvido por





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Ofélia, que também “amava Hermano com frenesi”. Mas uma sombra começa a rondar esta relação. Esse pressentimento começa a tomar forma e fazer jus ao que prevê Ofélia. Hermano passa a ser pressionado pela sociedade local a contrair matrimônio com Angelina. No diálogo final, entre Hermano e Ofélia, o leitor consegue apreender uma inversão de papéis sociais, previamente desenhados para aquele contexto, e tão bem presentificados em obras literárias oitocentistas. Ofélia alcança novo patamar na sua formação. Mais uma vez, ela empreende uma viagem não só em termos geográficos, mas, principalmente, em busca de si, de sua integração pessoal. Numa recusa à passividade, ela transita por diferentes situações e conflitos, reagindo de modo diferenciado aos fatos, passando por uma série de transformações de cunho emocional, psicológico e de caráter.

### IV CONCLUSÃO

Dos ritos de passagem enfrentados por Ofélia, aprendizagens e decorrente maturidade são consequências inevitáveis para seu *Bildung*. Por isso, ela acaba por representar diferentes papéis sociais, quebrando vínculos sociais estruturantes de uma relação desigual entre homens e mulheres, já que toda essa experiência amplia sua visão do mundo e a faz ter outra percepção do feminino. Romper e recomeçar. São as palavras de ordem da sua história. Caminho refeito, entre erros e acertos, ela caminha em direção ao seu aperfeiçoamento, ao seu *Bildung*.

Com Ofélia, apreendemos um *Bildungsroman* feminino fortemente desarraigado,

pois ela alcança sua coerência pessoal justamente por não aceitar se integrar naquela sociedade. Ofélia sai dessa zona de conforto. Suas ações desencadeiam uma ruptura quanto às expectativas de uma leitora previsível. Essa é a rota alternativa seguida por Ofélia: ela busca se emancipar, coloca-se em pé de igualdade com o homem e angaria respeito, nesse trato com o mundo masculino. Esses elementos nos permitem classificar a obra como um romance de aprendizagem, na medida em que, não só ela aprende a se constituir mulher, mas intrinsecamente colabora para oportunizar, principalmente às leitoras daquele século, a familiarização com esses temas tão caros para o feminino.

O final melancólico do casal Hermano e Angelina deixa, nas entrelinhas do texto, uma mensagem subliminar para o público leitor, outra vertente de leitura, com Ofélia no centro da narrativa, como uma protagonista em palimpsesto. Para tanto, a autora implícita, mediante o emprego de estratégias retóricas, subverte a ordem da narrativa e evidencia que a ruptura de Ofélia com os padrões sociais vigentes concorre para a preservação da sua individualidade e autonomia. Seu ciclo não se fecha, há uma incógnita, em relação ao seu futuro, contudo, algo é certo: ela se torna senhora de si, seu destino lhe pertence e sua trajetória e escolhas comportamentais podem também formar leitoras, não só daquele século, mas atuais, já que a luta pela emancipação feminina ainda é contemporânea.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Inês Sabino ousou inscrever, registrar e

divulgar outras formas de se traduzir a experiência feminina, instaurando o polêmico e exercendo sua capacidade de discordância, em relação aos parâmetros oitocentistas para a mulher, a mulher escritora e, finalmente, a mulher escritora que publicou sua obra. Logo, embora *apagado* historicamente, o texto sabiniano, em sua contemporaneidade, deve ter, ao circular e assim ser lido, influenciado no processo de amadurecimento social da mulher – neste caso, mulher-leitora-brasileira, processo que só agora, em outro momento, somos capazes de recuperar, analisar e interpretar, valorando-o.

Parafraseando Umberto Eco (1994, p. 14), enquanto leitores, fizemos nossa escolha, no *bosque* da prosa sabiniana. Longe de nós pretender apontá-la como único atalho possível. Assim, reiteramos que esta pesquisa não se esgota em si; é feita de lacunas e incompletudes. Não se pretende encapsulada em verdades definitivas, até porque a complexidade em torno da literatura de autoria feminina, ainda pouco estudada, demanda novos olhares e pesquisas que cooperem para redimensioná-la, nos estreitos corredores da historiografia literária. O desafio está posto! Inclusive para se pensar na proposição de uma historiografia literária que seja mais inclusiva.

### REFERÊNCIAS

BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. Lisboa: Arcádia, 1980.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991.

HUTCHEON, L. **Narcissistic narrative: The metafictional paradox**. New York e London: Methuen, 1984.

JOST, François. **La tradition du Bildungsroman**. Comparative Literature. University of Oregon, number 2, spring 1969, p. 97-115.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

POUILLON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: Quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SABINO, Inês. **Contos e lapidações**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1891.

\_\_\_\_\_. **Lutas do coração**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), [1898] 1999.

---

<sup>i</sup> Este texto é parte da tese de doutorado intitulada *Múltiplas faces femininas da tessitura literária de Inês Sabino* (2014), orientada pelo Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (PUCRS).